

As antigas fábricas de curtumes de Guimarães: quando as memórias orais ajudam a compreender os lugares

Elisabete Pinto

O recente processo de reabilitação e regeneração urbana da zona de Couros, em Guimarães, alargou a cidade para o espaço onde durante séculos se desenvolveu a indústria de curtumes.

Num quarteirão de aproximadamente quatro hectares, permanecem os vestígios arquitectónicos dos edifícios onde eram praticadas as demoradas e complexas operações da curtimenta de peles dos mais variados animais. Trata-se de um conjunto considerável de imóveis situados junto de um pequeno curso de água que coabita com um aglomerado populacional. Por ocasião da Exposição Industrial de Guimarães, realizada em 1884, chamavam-lhe «o Bairro de Couros» e a maioria das fábricas permaneceu em actividade até finais dos anos sessenta, do século XX.

Apesar de alguns espaços terem acolhido outras funções, durante cerca de quarenta anos aquela zona tão próxima do centro da cidade esteve quase votada ao esquecimento, agravando-se a ruína de muitos edifícios. No entanto, a parceria estabelecida entre a Câmara Municipal de Guimarães e a Universidade do Minho, com o projecto CampUrbis que prevê a instalação de um campus universitário na malha urbana, permitiu a aquisição de imóveis pertencentes a privados e a sua reabilitação para o desenvolvimento de novas funcionalidades ligadas ao ensino e investigação académica.

Mas, deve-se ou não fazer o registo da arqueologia oral que permita compreender os usos associados àquele espaço? Esta comunicação pretende partilhar os resultados de uma experiência iniciada no arquivo onde a identificação de documentação alusiva aos últimos industriais de curtumes de Guimarães viabilizou a abordagem às suas famílias e assim oferecer uma visão mais consistente dos diferentes elementos da paisagem.